

Sumário Março 2010 | BONS FLUIDOS: a revista do bem-estar



NESTA CAPA

- 30 | Ela tem a força:** aprenda como a energia da Lua é capaz de influenciar o nosso cotidiano aqui na Terra.
- 34 | Muito além das palavras:** o autoconhecimento também é possível por meio da prática de simples atividades, como a jardinagem e a ioga.
- 40 | Oito atitudes para cultivar seu bem-estar:** fáceis de fazer, deixam sua vida mais gostosa e cheia de harmonia.
- 46 | Em busca do feminino perdido:** é tempo de resgatar o contato com você mesma e com as coisas importantes da vida.
- 54 | O toque das mãos:** cuide do seu corpo e da sua alma com sete tipos diferentes de massagem.
- 72 | Fé nas ervas:** tenha sempre ao seu lado plantinhas que atraem proteção, alegria e prosperidade.

ENSAIO

- 26 | Fonte vital:** o poder da natureza convida ao silêncio e à introspecção.

BELEZA

- 38 | Todos os tons de rosa:** a maquiagem se enche de nuances delicadas para deixar você mais bonita.

ENTREVISTA

- 58 | A paixão que nos move:** um monge zen-budista compartilha com você os caminhos para enfrentar a vida de uma maneira mais serena.

COMPRINHAS

- 62 | Alegria à mesa:** utensílios coloridos e divertidos para servir petiscos, docinhos e muito mais.

CASA

- 66 | Magia no ar:** um pedaço da Ásia em plena cidade de São Paulo.

EDUCAÇÃO

- 78 | Venham, o cinema chegou:** o inovador projeto de um casal de cineastas para levar a sétima arte às comunidades de baixa renda.

VIAGEM

- 82 | Pequena e preciosa:** conheça Colônia do Sacramento, pequena cidade uruguaia cheia de cores e encantos.

SEMPRE NA SUA REVISTA

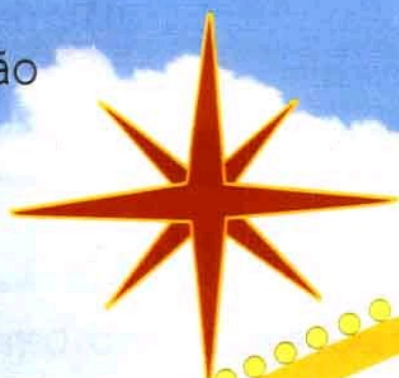
- 05 | BEM-VINDA
- 08 | WWW.BONSFLUIDOS.COM.BR
- 10 | PODER DAS CORES
- 12 | ECO
- 14 | NA REDE
- 16 | NO PRATO
- 18 | GIRAMUNDO
- 20 | MINHA CASA, MINHA ALMA
- 22 | PAPOS DE COZINHA
- 24 | SENSACIONES
- 88 | ENDEREÇOS
- 90 | MINHA HISTÓRIA

CRÉDITOS DE CAPA

Direção de arte: Camilla Sola
Foto: André Andrade
Casting: Anna Luiza Paes de Almeida
Modelo: Katrina Seibert
(Ford Models Brasil)
Cabelo e maquiagem:
Cris Lopes (Agência Managemet)
Vestido e brinco: acervo da produção



Educação



V E N H A M

o cinema
chegou!

Os cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi estendem o tapete vermelho à população que até então desconhecia a magia da sétima arte. Convictos, afirmam, "as pessoas querem ver a sua vida refletida na tela".





De 2007 para cá,
foram realizadas
40 oficinas para
880 alunos, num
total de 120 curtas.

Imagine um circo com cara de cinema. Dentro da grande tenda estilizada, uma sala equipada com 225 cadeiras, projeção de 35 mm em cinemascope (tipo de lente que garante boa resolução de imagem), som *surround* (que cria um ambiente mais realista), tela de 21 metros quadrados e, para refrescar, ar-condicionado. Apesar de toda a qualidade, acredite, esse cinema é itinerante, gratuito e passa por cidadezinhas esquecidas no mapa brasileiro, levando cultura a quem nunca experimentou o escurinho de uma sala. O que parece ficção é a mais pura realidade e tem nome: Cine Tela Brasil.

Mas no começo não era assim. Num belo dia de 1996, dois jovens idealistas, os cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi, inconformados com a coleção de curtas-metragens guardada no armário, encontraram um destino mais útil para esse arquivo. Colocaram os filmes para rodar gratuitamente em praças públicas de São Paulo, centros comunitários e escolas. Tudo na base do improviso.

Àquela altura, o conforto das salas de cinema convencionais, oferecido nos dias de hoje, ainda estava longe. As pessoas assistiam às sessões em pé ou sentadas no chão. Quando muito, em escadarias. “Eram três ou quatro curtas nacionais, ou seja, uns 40 minutos de exibição. Com isso, conseguíamos atrair a atenção dos curiosos”, lembra Luiz. Para a satisfação do casal, a brincadeira foi tomando corpo e o projeto embrionário ganhou o nome de Cine Mambembe, com direito a debate após as apresentações.

Pouco tempo depois, quando os namorados uniram suas escovas de dentes, pensaram em ir à Europa para respirar novos ares. No entanto, mudaram os planos assim que tiveram a ideia de desbravar o território nacional, levando a sétima arte a lugares precários.

COMEÇA A AVENTURA

Radiantes, como todo casal que parte em lua de mel, equiparam a caçamba de uma Saveiro com uma tela, um projetor de 16 mm, um pequeno gerador elétrico, uma câmera de ví-

deo, um laptop e, aproximadamente, R\$ 10 mil. O suficiente, na época, para cortar o Brasil, passando por pequenos povoados sem luz elétrica, aldeias indígenas e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). De resto, a dupla tinha um sonho na cabeça, a disposição da juventude e garra para aportar em terras de ninguém.

Começaram pelo sul da Bahia, em Caraíva. Dali em diante, percorreram 15 mil quilômetros, mais de 20 cidades, contabilizando 150 sessões. “Procurávamos a prefeitura, pedíamos alimentação e hospedagem em troca da projeção gratuita”, conta Bolognesi. “Chegávamos a cidades remotas, escolhíamos o local da apresentação – uma praça, uma sala de escola, uma igreja – conversávamos com líderes locais e anunciávamos em um alto-falante o horário da sessão”, explica >>



Com os olhos vidrados na tela, o pequeno garoto se fascina com um mundo até então desconhecido.



Entre uma filmagem e outra, Lais Bodanzky acompanha de perto seu projeto, que levou o cinema aos quatro cantos do país.

Laís. “Depois do filme, uma conversa informal e cheia de surpresas embalava as noites”, completa a cineasta. A saga foi registrada pela dupla e rendeu o documentário *Cine Mambembe: O Cinema Descobre o Brasil*, com o qual abocanharam vários prêmios importantes. Foi durante essa aventura que Luiz escreveu o roteiro do longa *Bicho de Sete Cabeças*, dirigido por Laís Bodanzky, em 2000, e que também lhes trouxe outras premiações.

Após essa experiência, o Cine Mambembe continuou viajando pelo Brasil, graças a convites e parcerias. Mas foi em 2004 que a abóbora virou carruagem, como eles costumam dizer. “A viagem, que era mambembe, hoje, é um grande projeto batizado de Cine Tela Brasil, levando cinema nacional aos 92% dos municípios brasileiros desprovidos de sala de cinema e, o melhor de tudo, as sessões ficam sempre lotadas”, descreve Laís. “Muitas pessoas, inclusive, estão dentro de uma sala de cinema pela primeira vez”, destaca a cineasta, que dirigiu *Chega de Saudade*, em 2008.

PARA TODOS

“O Cine Tela Brasil confirma a impressão que tivemos com a primeira incursão pelo interior do Brasil. O público quer ir ao cinema, quer assistir a filmes nacionais e quer cinema de qualidade. Talvez, a falta de salas seja

uma das grandes questões que precisam ser resolvidas para democratizar a cultura cinematográfica no país”, fazem coro Laís e Luiz. Para mudar essa realidade e profissionalizar a ação, eles contaram com o patrocínio da CCR, em 2004, e da Fundação Telefônica, em 2008, ano em que montaram a segunda sala itinerante do país. “Nosso objetivo é estender o tapete vermelho ao povo brasileiro”, esclarece Luiz.

Hoje, o projeto percorre os estados do Paraná, Rio de Janeiro e de São Paulo. Por onde passa, permanece cinco dias – dois dedicados à montagem e desmontagem e os demais às projeções. O programa oferece de três a quatro sessões de filmes para o público infantil, infantojuvenil e adulto. “Em algumas cidades, o impacto é tão grande que parece até que aterrisou um disco voador”, brinca Luiz.

Certa vez, em Francisco Morato, localizado na Grande São Paulo, uma garota de 6 anos insistiu para que a mãe a levasse até o local de exibição. “Ela queria ver de perto a desmontagem do cinema, se despedir de cada membro da equipe e desejar boa sorte nas próximas paradas”, lembra o cineasta, com evidente carinho.

É assim. Em cada estada, uma surpresa e um perfil diferente de público. Dependendo do lugar, determinados filmes agradam mais que outros. Segundo Luiz, essa oscilação se dá

por uma questão de afinidade. “*O Menino da Porteira* foi um sucesso no Paraná, por se tratar de um tema caipira, e um fracasso no Rio, ao passo que *Era Uma Vez*, que retrata as favelas, teve maior aceitação na Cidade Maravilhosa. Isso mostra que as pessoas querem ver a vida delas refletida na tela”, conclui.

Entusiasmado com os resultados obtidos até agora, Bolognesi revela um dado animador. “Nesses anos na estrada, nunca nos roubaram uma única lâmpada. Mesmo em locais que nos disseram para não pisar, por serem dominados pelo tráfico”, enfatiza. Mais uma mágica promovida pela sétima arte.

REVOLUÇÃO DIDÁTICA

Projetos bem alinhavados costumam gerar filhos pródigos. Com o Cine Tela Brasil não foi diferente. “Quando tudo parecia estabelecido e dando muito certo, começamos a pensar que a verdadeira revolução seria ensinar as comunidades de baixa renda a produzir, contar ou inventar suas próprias histórias”, relata Laís. Assim surgiram, em 2007, as Oficinas Itinerantes de Vídeo.


Um mês antes de a sala de cinema chegar à cidade, um time de socioeducadores detalha aos jovens cada etapa da produção de um curta-metragem. Assimilada a lição, os alunos fazem sua própria obra. “As oficinas são tão bem-sucedidas e os realizadores de baixa renda têm tanto a dizer que, em pouco menos de dois anos, já vimos curtas selecionados para importantes festivais de cinema”, relata Laís, orgulhosa.

Além do curso, os aprendizes têm a oportunidade de conhecer personalidades do cinema brasileiro, como Cao Hamburger, Hector Babenco, Paulo Betti, entre outros. “Até o momento, foram implementadas 40 oficinas com 880 inscritos que, por sua vez, produziram 120 curtas”, revela Luiz.


Certos de que o cinema é uma importante ferramenta de complementação da educação, a dupla lançou ainda o portal Tela Brasil (www.telabr.com.br). O endereço virtual integra o projeto O Cinema Vai à Escola, que disponibiliza ensinamentos de cinema, além dos curtas realizados pelos jovens ao longo dos anos de oficina.

Mas o casal não para aí. Já estão apostando numa parceria com o Ministério da Educação (MEC) para implantar o cinema como atividade na educação estendida e estão produzindo um livro para auxiliar a empreitada. Esse ainda será um roteiro de um filme inédito a que iremos assistir.

Texto • Vivian Goldman
Direção de arte • Camilla Sola
Fotos • Caroline Bittencourt



O Cine Tela Brasil contabiliza, desde 2004, números grandiosos. Foram percorridas quase 300 cidades e realizadas mais de 3 mil sessões. A taxa de ocupação da sala é de 88%, a maior do Brasil, superando 600 mil espectadores. Até o final de 2009, 71 filmes nacionais já foram exibidos gratuitamente.



Jovens em situação de exclusão social participam de oficinas para a realização de curtas-metragens sob a direção de experientes cineastas.

